



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPEs – LATINDEX
Nº. 27 – Ano XIII – 10/2025
<https://doi.org/10.70597/vozes.v12i27.709>

Geografia e futebol: o ensino das categorias geográficas por meio do espaço futebolístico

Ramon Rodrigues Soares
Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

<http://lattes.cnpq.br/0678054003024698>

E-mail: ramonsoares95@yahoo.com.br

Vanessa Tamiris Rodrigues Rocha
Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

Mestra em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

<http://lattes.cnpq.br/8227139849047110>

E-mail: vanessatamiris@gmail.com

Luana Barbosa Durães
Engenheira Agrícola e Ambiental pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Pedagoga.

Mestranda em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

<http://lattes.cnpq.br/5615087770518561>

E-mail: luanabarbosaduraes97@gmail.com

Rahyan de Carvalho Alves
Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
Docente da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

<http://lattes.cnpq.br/0593456424985792>

E-mail: rahyan.alves@unimontes.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir a utilização do futebol como ferramenta de ensino das categorias de análise da Geografia, buscando estabelecer uma relação entre este esporte e a ciência geográfica. Para tanto, utilizou-se como metodologia revisão bibliográfica, pautada em autores como Corrêa (2000); Cavalcanti (2005); Lopes (2012); Holgado e Tonini (2014); Antunes (2014); Andreis e Callai (2019); Serpa (2020), dentre outros, através da leitura de livros e artigos científicos disponíveis em bibliotecas virtuais; a partir dos descritores: geografia, categorias geográficas, esporte, futebol, etc. Considera-se que, há relações entre o futebol e a ciência geográfica e todas suas categorias de análise (Espaço, Paisagem, Território, Região e Lugar). Mas, as emoções, experiências, vínculos e laços construídos ao longo dos anos no contexto futebolístico fazem da categoria Lugar a mais visível nos espaços esportivos, não apenas nos estádios, mas nos bares, nas quadras, nas reuniões familiares, etc. O futebol é um espaço rico e fértil, por isso demonstra diversas geografidades e possibilidades de uso no contexto da sala de aula, seja por meio de trabalhos/pesquisas de campo; visitas técnicas; construção de representações cartográficas; análises documentais e temporais, dentre outras.

Palavras-chave: Geografia. Categorias Geográficas. Futebol.

Introdução

O espaço geográfico atual implica às ciências sociais um olhar diversificado que abarca toda a complexidade imposta pelo modelo de organização do capitalismo contemporâneo. Nesta demanda, a Geografia tende a propiciar um olhar inclusivo que abranja os processos sociais perceptíveis ou não, pela sociedade (Serpa, 2020).

Quanto a esta ótica inclusiva, é fundamental que ocorra um avanço epistemológico e metodológico, visando a superação da dicotomia existente entre a Geografia Acadêmica e a Geografia Escolar. É necessário que haja diálogo entre ambas, para que ocorra a democratização do conhecimento geográfico, sua emancipação e criticidade. Contudo, é evidente que sempre haverá uma alteridade natural inegável, já que as produções escolares e acadêmicas são desenvolvidas em meios distintos, com pares também distintos. Entretanto, conforme supracitado, é necessário que as Geografias (acadêmica e escolar) estejam alinhadas para que alcancem seus objetivos - formar cidadãos críticos e reflexivos (Lopes, 2012).

De acordo com Serpa (2020), os processos socioespaciais presentes no cotidiano dos indivíduos são de grande valor para o pensamento geográfico. Para o mesmo existe uma Geografia praticada consciente e inconscientemente no cotidiano de cada um, que deve ser pensada e refletida devido suas revelações. Frequentemente, surgem nestas Geografias cotidianas, grandes possibilidades

didático-pedagógicas. Para Cavalcanti (2005), as funções mentais de percepção, memória e pensamento são desenvolvidas na interação com o meio sociocultural, ou seja, os significados das vivências cotidianas trazem consigo elementos facilitadores do processo de aprendizagem e construção do conhecimento.

É perceptível que a compreensão do espaço está diretamente relacionada às vivências e construções individuais e coletivas que carregam consigo símbolos e significados. Portanto, é essencial que no processo de construção do saber geográfico, os formadores busquem o alinhamento e o diálogo com o cotidiano da sociedade.

O futebol é o esporte mais popular do planeta, encontra-se presente no cotidiano de grande parte da sociedade global. No Brasil, o mesmo está enraizado no ideário nacional e, torna-se, diversas vezes, impossível dissociá-lo do cotidiano dos brasileiros. Tanto que, o Brasil é popularmente conhecido com o país do futebol. Como afirma Antunes (2014, p. 9), “neste país do futebol [...] não existe como ocultar de seu povo a paixão por este esporte” e, esta paixão pode contribuir para a compreensão dos assuntos geográficos, transformando a sala de aula em campo de futebol; despertando o interesse e engajamento dos estudantes.

Segundo Lopes (2012, p. 24), a compreensão das categorias de análise da Geografia, a saber: Espaço, Paisagem, Território, Região e Lugar; consiste-se em uma tarefa elementar nas discussões geográficas em qualquer nível de ensino (Educação Básica e Educação Superior). De acordo com Andreis e Callai (2019, p. 17), as categorias são “caminhos oferecidos como modos de pensar o espaço”. Estas foram abordadas de diferentes maneiras em cada corrente do pensamento geográfico (Determinismo Ambiental, Possibilismo, Método Regional, Nova Geografia e Geografia Crítica).

Isto posto, faz-se necessário superar o uso banal destas categorias, enfatizando seus devidos significados. Pois, o entendimento das categorias geográficas configura-se como o início do desenvolvimento de uma leitura espacial abrangente e assertiva. Devido a importância destas, são tidas como componentes diretos e indiretos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – parâmetro que orienta a organização dos currículos de todas as etapas da Educação Básica, proposta pelo Ministério da Educação (MEC), aprovada em 2017 (Brasil, 2018).

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é discutir a utilização do futebol

como ferramenta de ensino das categorias de análise da Geografia, buscando estabelecer uma relação entre este esporte e a ciência geográfica. Para tanto, utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica, pautada em autores como Corrêa (2000); Cavalcanti (2005); Lopes (2012); Holgado e Tonini (2014); Antunes (2014); Andreis e Callai (2019); Serpa (2020), dentre outros, através da leitura de livros e artigos científicos disponíveis em bibliotecas virtuais; a partir dos descritores: geografia, categorias geográficas, esporte, futebol, etc.

Isto posto, o trabalho foi desenvolvido em três etapas: a primeira concentrou-se numa breve revisão bibliográfica sobre as correntes do pensamento geográfico e a influência destas sobre o ensino de Geografia nas salas de aula. Na segunda etapa discutiu-se o uso do espaço futebolístico como via de aprendizado das categorias de análise geográfica. E, por fim, naturalmente, temos as considerações finais.

Dessa forma, apresentamos a seguir a discussão da pesquisa.

Geografia: a “ciência do espaço”

A Geografia é uma ciência que possui como objeto de estudo o espaço geográfico, e neste ocorre às mudanças e as relações entre o ser humano e o meio. Isto posto, a Geografia estuda os sistemas econômicos, políticos, ideológicos, sociais *etc.* que se manifestam sobre as pessoas e o espaço (Cavalcanti, 1998).

Quanto ao ensino da Geografia, para Cavalcanti (1998, p. 23), esse deve contribuir para o discente “[...] des-cobrir o mundo, enfocar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza, realizar constantemente estudos do meio, interpretar textos, fotos, mapas, paisagens”, tornando o sujeito-estudante crítico e um pensador sobre o mundo.

A sistematização da Geografia iniciou em meados do século XIX, com Humboldt e Ritter. A partir destes dois autores surgem as correntes de pensamento geográfico, que influenciaram o ensino da Geografia nas salas de aula. Dentre as correntes de pensamento geográfico, destacam-se o Determinismo Ambiental, o Possibilismo, o Método Regional, a Nova Geografia e a Geografia Crítica. Para Corrêa (2000), cada uma destas possui suas práticas teóricas, empíricas e políticas (com uma sequência histórica), mas que, de certa maneira, se coexistem e se complementam.

A institucionalização da Geografia ocorreu na Europa, no século XIX, onde houve discussões para alcançar uma melhor compreensão desta “nova ciência”. Posteriormente, com a vinda de Dom João VI e sua comitiva para o Brasil, o conhecimento geográfico chegou até a sociedade brasileira; tendo como pioneiro no ensino, o Colégio Pedro II, fundado em 1837, no Rio de Janeiro. E o primeiro professor de Geografia no Brasil foi Justiniano José da Rocha, que lecionava para a elite brasileira no colégio supracitado.

A base de ensino da Geografia no Brasil oitocentista era pautada no Positivismo, que se apropriava da observação, experimentação e comparação de resultados (Corrêa, 2000). Logo após, apresentou-se uma vertente francesa conhecida como Possibilismo, a mesma acredita que o homem modifica o meio onde vive, adapta-se à natureza e a transforma, uma vez que, esta oferece possibilidades para tal. Esta teve como precursor Paulo Vidal de La Blache (Corrêa, 2000).

Essa última linha de pensamento citada proporcionou uma nova perspectiva na Geografia: A humana, a qual viabilizou a institucionalização da nossa própria Geografia; assim como, o primeiro curso de formação em Geografia. O ensino nesse período consistia-se em algo mecânico, não permitia o pensamento crítico do estudante, e o professor apenas reproduzia o conhecimento; assim a memorização era difundida pelas escolas como sendo a melhor (e, às vezes, a única) forma de aprendizagem (Corrêa, 2000).

O Método Regional, contrário ao Possibilismo e ao Determinismo, foca na diferenciação de áreas, que é vista através da integração de fenômenos heterogêneos em uma dada porção da superfície da Terra. Este dar ênfase ao estudo de áreas e atribui à diferenciação como objeto da geografia. Convém ressaltar que essa corrente ganha importância com Alfred Hettner e Hartshorne (Corrêa, 2000).

O ensino da Geografia é feito de maneira regional, para que o estudante possa partir de uma esfera micro para entender a macro. As matérias são, ou pelo menos devem ser trabalhadas detalhadamente, para que o estudante possa dominar o conteúdo e ter um maior conhecimento, para futuramente aplicá-lo em sala de aula e no seu cotidiano.

Após a Segunda Guerra Mundial, verifica-se uma nova forma de expansão capitalista, o que levou a um novo paradigma, a Nova Geografia – que utiliza,

principalmente, técnicas estatísticas para explicar os fenômenos geográficos (Corrêa, 2000).

Durante a década de 1970 e 1980, o conhecimento geográfico passa por novas transformações, surge então a Geografia Crítica, que objetiva o estudo de todo o espaço e suas implicações para este e para a sociedade. Teve como seu maior precursor, um brasileiro - Milton Santos, que inseriu a criticidade nas aulas de Geografia, permitindo aprender essa ciência e aplicá-la no cotidiano dos indivíduos (Corrêa, 2000).

Estas escolas do pensamento geográfico são fundamentais para o entendimento do atual ensino de Geografia, o qual foi influenciado por estas de tal maneira que, ainda no século XXI, aspectos oriundos do ensino tradicional se perpetuam na práxis pedagógica da maioria dos professores. A saber, o ensino baseado na memorização e desenvolvimento de habilidades mecânicas, como memorizar nomes de rios, capitais, vegetações, países, cidades, regiões, dentre outras informações apresentadas de forma desconexa à realidade dos educandos.

No entanto, é sabido que a Geografia, atualmente, deve ser ministrada numa perspectiva progressista, onde o aluno seja considerado o ponto central do processo de ensino e aprendizagem (Penteado, 2010). Neste, o professor aparece como mediador do conhecimento, visando facilitar a assimilação e internalização de saberes (Vygotsky, 1999). A mesma tem se posicionado enquanto uma ciência espacial que aborda “as relações socioculturais da paisagem como os elementos físicos e biológicos que dela fazem parte, investigando as múltiplas interações entre elas estabelecidas na constituição de um espaço” (Brasil, 1998, p. 20). E, não enquanto uma ciência que focaliza seus estudos apenas na dimensão empírico-descritiva da relação homem-natureza ou na interpretação socio-econômica e política do mundo, mas sim, uma Geografia que abarque o espaço como uma realidade totalitária.

A seguir, as categorias de análise geográfica serão exploradas do ponto de vista dos espaços futebolísticos.

A abordagem geográfica do futebol

Daolio (2000) reafirma a grande popularidade do futebol no Brasil e, denota

que não há uma única motivação para tal, mas que a influência da grande adesão da população negra configura-se um ponto de destaque, assim como o engajamento da classe proletária das fábricas; mesmo que a inserção do futebol no território nacional tenha ocorrido por meio dos grupos de elite. Estes fatos evidenciam à transversalidade e até mesmo o caráter unificador do futebol.

Campos (2008, p. 249), enfatiza o grande potencial da análise geográfica ao utilizar o futebol como objeto, destacando a sua gama de representações e significados, o que já deixa superficialmente explícitos os cenários de discussões sobre as categorias de análise da Geografia.

A discussão teórica acerca do conceito da categoria Paisagem é infinita, sendo esta uma categoria interdisciplinar e multifacetada, que é objeto de diversas ciências além da geográfica. Como um conceito mais generalista, de modo que possa ser pensado e discutido no Ensino Básico, Maciel e Lima (2011, p. 167) expressam que a paisagem corresponde “à orientação da geografia para o concreto, o visível, a observação do terreno, enfim, para a percepção direta da realidade geográfica “.

A paisagem pode ser tida como o espaço percebido e interpretado pelo ser humano através de seus sentidos, especialmente pela visão, mas não unicamente. As paisagens trazem traços que carregam histórias e significados. Neste sentido, as paisagens futebolísticas são excelentes exemplos de construção de paisagens, sobretudo no contexto brasileiro. Para Holgado e Tonini (2012, p. 2):

O futebol é um importante elemento cultural do país, por movimentar a vida das pessoas, criando vários marcadores significativos em diversos locais. O fato de ser torcedor de um clube já representa vários símbolos, vários significados na vida cotidiana. O futebol possibilita a geração de paisagens únicas, que terão uma maior importância devido aos simbolismos criados por esse esporte na sociedade.

A construção das paisagens pelos fenômenos esportivos é um objeto de análise de grande fertilidade, podendo se observar diversas formações ou transformações paisagísticas. A edificação de um estádio demonstra algumas vezes um processo de alteração de uma paisagem natural, como no caso da Arena MRV, inaugurada em 15 de abril de 2023, em Belo Horizonte, onde existiam e existem no local da construção do estádio áreas de preservação ambiental (Ribeiro, 2019). Este

exemplo serve de gancho para a demonstração do surgimento de uma paisagem humanizada com elementos culturais que possuem diversos significados e carregam traços singulares.

Os estádios geram impactos na paisagem de um ambiente devido ao seu porte e valor simbólico. Frequentemente, atraem torcedores e realizam transformações para atendê-los, alterando assim, suas dinâmicas e, conseqüentemente, a paisagem visualizada por cada indivíduo (Holgado e Tonini, 2014, p. 201).

A utilização da paisagem futebolística como metodologia de aprendizagem não é algo novo, apesar de sua pouca exploração:

No caso do estádio, que são as paisagens citadas pelas alunas, esse simbolismo surgirá, principalmente, com a realização das partidas de futebol do clube dono do local, as quais terão um significado para as pessoas, no caso, os seus torcedores. Nesse local, haverá o surgimento de um simbolismo, pois será o lugar que pode representar fisicamente um clube ou um grupo de torcedores. Entretanto, não bastará somente afirmar que o estádio pertence a determinado clube, será necessário que os torcedores percebam a importância deles constantemente para, assim, ser considerado um local representativo para os torcedores e de seu clube (Holgado, 2013, p.34).

Na pesquisa de Holgado (2013) é possível observar que as análises acerca da categoria paisagem não se resumem a compreensão do seu conceito geral, mas também mostram possíveis e viáveis reflexões acerca de significados, cultura, grupos sociais e outras categorias adjacentes ao debate das paisagens, sendo assim a paisagem futebolística fortemente competente para se trazer o debate sobre a paisagem geográfica de maneira acessível, rica e didática para as salas de aula.

A categoria Território no âmbito da Geografia, assim como as demais categorias, possui densidade filosófica considerável, entretanto, como já dito, o enfoque aqui se dará em suas definições gerais, dada a intenção de demonstrar a aplicabilidade das reflexões no ambiente escolar. Conforme Hasbaert (2010, p. 20-21) o território está relacionado ao “[...] poder, mas não apenas ao tradicional poder político, ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação”.

Devido o aperfeiçoamento do capitalismo, conforme Santos (1997), por vias do meio técnico-científico-informacional, as relações socioespaciais tornam-se ainda

mais complexas e os elementos da teia social ganham maior dinamismo - por meio de fluxos materiais e imateriais. Assim, os territórios mostram em si, maior diversidade nas relações de poder. Neste sentido, Saquet (2007, p. 73) afirma que:

O que queremos reforçar é que o movimento e a heterogeneidade estão no território, nas relações que seus agentes sociais efetivam. O território pode ser compreendido de diferentes maneiras, às vezes, não excludentes. Existem abordagens que se complementam e são multidimensionais frente o território. Há quem priorize uma das dimensões sociais. Porém, há abordagens múltiplas do território e da territorialidade humana e, por isto, mais apropriadas e coerentes com a complexidade do real.

A heterogeneidade é um caráter evidente no território contemporâneo, a pluralidade de olhares sob o território impõe sobre este uma variação de dimensões que não se pode negligenciar. O mesmo autor destaca as dimensões bases do território, a saber: econômica, política, cultural e natural. E, neste ponto, os espaços futebolísticos mais uma vez demonstram a possibilidade de ilustrar com pertinência tais teorias.

[...] observou-se que a geografia e o esporte estão intimamente ligados no que se diz respeito ao território e espaço, tendo em vista que se notam transformações, desenvolvimentos (aqui relacionado à teoria conservadora) e urbanização do espaço apropriado para a prática desportiva. Esta depende da topografia e relevo local para que se possam definir as modalidades mais apropriadas e viáveis. Além disso, existem inúmeros exemplos ao longo da história da construção de áreas de lazer com o objetivo de valorização e elitização do local (Höfig e Braguetto, 2013, p. 91).

No Brasil, a inserção do futebol encontra-se atrelada a um reflexo de luta de classes, inicialmente um produto para as elites e, posteriormente, difundindo para as camadas de base da pirâmide social. Neste contexto, a prática esportiva configura-se como um território em disputa; ilustra a multidimensionalidade do território atual em algumas nuances, sua prática em si já demonstra diretamente a busca pela conquista do território adversário, que se materializa no gol - ao transpor os limites da baliza do oponente.

Ainda sobre o exemplo disposto anteriormente - a Arena MRV, pode-se verificar sua dimensão natural, pois foi edificada transpondo os limites de preservação ambiental legal. E, sua dimensão cultural (mesmo que uma cultura

excludente) no cerceamento da participação de grupos da prática esportiva e dos espaços esportivos, como as mulheres (Goellner, 2005, p. 145).

Um outro exemplo, localizado também em Belo Horizonte, conforme Campos, Silva e Amaral (2014, p. 5), firma-se na construção do estádio Governador Magalhães Pinto, conhecido como Mineirão, inaugurado no dia 5 de setembro de 1965. Este inseriu-se na cidade como uma ferramenta política necessária em seu contexto histórico, onde era conveniente a vinda de um estilo arquitetônico dos espaços futebolísticos que dispusesse de mais modernidade e gerasse possibilidades de identificação para com o povo. Este estádio conseguiu suprir as expectativas, chegando a ser tratado como o “estádio do povo”.

Contudo, com a reforma a qual foi submetido para a Copa do Mundo de 2014, passou a apresentar traços europeus, perdendo os traços tidos como marcantes pelo público frequentador - os bares, as comidas, os preços praticados, dentre outros aspectos. Isto reconfigurou a dinâmica dos eventos futebolísticos e, levou a diminuição dos lucros.

Na história do pensamento geográfico, a categoria Região tem grande relevância. Para Rodrigues *et al.* (2016, p. 36):

o “geógrafo” (pesquisador ou professor) ao desenvolver sua pesquisa ou atividades em sala de aula, no contexto da categoria região, deve estabelecer um conjunto de objetivos e de critérios segundo os quais o espaço geográfico será dividido, podendo ser estes critérios de ordem natural, política, econômica, social etc. Vários tipos de regionalizações para o mesmo espaço podem ser propostos, dependendo dos objetivos e critérios específicos do pesquisador. Lembrando que o processo de regionalização pode ou não considerar os limites administrativos espaciais.

Esta categoria é de grande importância para a Geografia brasileira, sendo inegável a influência da escola francesa na construção do pensamento geográfico brasileiro. Sua materialização faz-se presente no Currículo Referência de Minas Gerais, de 2018, onde são destacados processos de regionalização, regionalismos e temáticas derivadas desta categoria. Ademais, a regionalização do espaço simboliza uma grande ferramenta para que seja colocada luz às lacunas da sociedade; pensar em suas causas, consequências e medidas mitigadoras.

As demandas da dinâmica da sociedade, sobretudo o aperfeiçoamento do sistema capitalista, impõem a categoria região uma maior abrangência e requerem

significativas reflexões:

É necessário repensar a região num mundo atual de transformações, sua importância enquanto categoria de análise geográfica; é necessário repensá-la, tendo em vista: as desigualdades econômicas, nas mais diferentes escalas; aos processos de exclusão e inclusão sob suas diversas formas; a formação de blocos econômicos; aos avanços tecnológicos e a formação de redes em seus diversos aspectos, possibilitado pelos meios de transportes, comunicação e informação; as questões étnicas, culturais e de movimentos sociais; aos processos de globalização e fragmentação; a crise do Estado; e outros (Rodrigues e Santos, 2013, p. 4).

Na Educação Básica o espaço futebolístico permite abordar a categoria região de uma forma prazerosa/satisfatória. A saber, Rampazzo (2021) denota que a estrutura dos estádios, principalmente nas novas arenas, configura regiões dentro das próprias edificações, setores que são divididos conforme seu posicionamento, demonstrando, assim, certa regionalização. Também há o conhecido processo de arenização, onde o público frequentador de cada setor apresenta relativa homogeneidade, seja pelo padrão de comportamento; consumo; valores de entrada, dentre outros.

Os processos relacionados as regionalizações estão presentes no meio futebolístico de maneira incessante, uma outra situação que ilustra esta realidade firma-se na divisão das brigadas da Torcida Organizada Galoucura, principal torcida organizada do Clube Atlético Mineiro (Galo). Segundo Leal, Marçal e Bayma (2018, p. 77):

Com essa liderança dividida, a consequência foi um ambiente um pouco mais democrático dentro da Galoucura, com as brigadas ganhando mais voz nas tomadas de decisão. “Demos uma descentralizada, com um grupo tomando as decisões”, comentou Léo James.

O espaço vivido, repleto de significados e experiências pessoais está em destaque nas atuais discussões geográficas. Nesta circunstância, a categoria Lugar ganha notoriedade. Cabral (2007, p. 148) afirma que:

De uma forma ou de outra, os geógrafos humanistas admitem que o lugar permite focalizar o espaço em torno das intenções, ações e experiências humanas — desde as mais banais até aquelas eventuais ou extraordinárias — e que sua essência é ser um centro onde são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência: o viver e o habitar, o uso e o

consumo, o trabalho e o lazer *etc.*

O lugar diz respeito a significação que o indivíduo agrega aquele espaço, a partir de suas experiências. Segundo Yi-Fu Tuan (1974), essas experiências podem ser subdivididas em duas categorias: Topofilia e Topofobia. A topofilia corresponde ao elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico e, a topofobia compreende a aversão entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Há também a topo-reabilitação que consiste-se em uma iniciativa de restaurar ou recuperar lugares, paisagens e conjuntos ambientais, com vistas:

[...] à melhoria da qualidade de vida dos homens, manutenção da sua memória coletiva ou individual e preservação de sua identidade cultural e seus valores. A única forma de minimizar os vários tipos de topocídio é maximizar, entre todos os grupos da sociedade e de todas as maneiras, a topofilia (...) para tanto é necessário que as forças da topo-reabilitação superem as forças topocídicas (Amorim Filho, 1996, p. 142).

O Lugar encontra-se no eixo norteador abordado no início deste trabalho – o cotidiano – os espaços de vivência são grandes facilitadores para se aprender e apreender melhor o mundo. É necessário que o ensino de Geografia esteja ao alcance, que as discussões sejam “palpáveis”, podendo compreender o espaço desde a escala local até a global. Mendes, Silva e Pereira (2017, p. 166) corroboram com este pensamento, afirmam que:

O ensino da Geografia por meio do lugar retrata quem somos, demonstra características comuns e particulares, opiniões iguais como também contrárias. O mundo é observado por cada aluno com um espaço a ser conhecido, explorado e no instante que o professor consegue fazer relações com aspectos emocionais de cada um, ele consegue levá-los a imaginar outros contextos, mesmo que sejam utópicos.

Para Yi-Fu Tuan (1974), na percepção do espaço há uma predominância do sentido visual. E, Silva (2009), corrobora com esta afirmativa, ressalta que os espaços apresentam duas dimensões para quem observa-os, a saber: a dimensão formal que diz respeito a sua estrutura física e sua aparência visual, e a dimensão simbólica que se encontra relacionada ao lugar e as suas respectivas associações históricas.

De acordo com Holgado e Tonini (2014), sobretudo no contexto de capitais brasileiras, os grandes estádios assumem papéis relevantes na construção da

identidade local, como é perceptível no estádio Mineirão. Este foi adotado como a “casa” do clube Cruzeiro, onde tanto o clube quanto os torcedores criaram uma conexão duradoura com o mesmo e, através do sentimento de pertencimento, consolidaram-o como um símbolo do clube e do futebol de Minas Gerais.

De acordo com Gomes (2018, p. 367), “a valorização de um espaço está relacionada a uma complexa composição de significados psicossociais”. Posto isto, podemos citar nas discussões realizadas em sala de aula, o exemplo de pessoas que se deslocam para assistir uma partida de futebol, estes atribuem à partida, ao estádio, variáveis positivas ou negativas, as quais podem ser topofílicas ou topofóbicas, a depender dos acontecimentos do dia, como o seu bem-estar e/ou o resultado que o time para o qual torcia alcançou.

As emoções, experiências, vínculos e laços construídos ao longo dos anos no contexto futebolístico fazem da categoria Lugar a mais visível nos espaços esportivos, não apenas nos estádios, mas nas quadras, nos bares, reuniões familiares, *etc.* O futebol é um espaço rico e fértil, por isso demonstra diversas geografidades e possibilidades de uso no contexto da sala de aula, substancialmente na disciplina de Geografia.

É válido destacar que as possibilidades pedagógicas do espaço futebolístico são diversas, desde as mais elementares como as discussões teóricas e os trabalhos/pesquisa de campo e visitas técnicas, ou a construção de representações cartográficas; análises documentais e temporais – comparando as mudanças nas paisagens dos estádios e de seu entorno ao longo do tempo, dentre outras.

Considerações Finais

O presente trabalho possibilitou discutir a utilização do futebol como ferramenta de ensino das categorias de análise da Geografia, buscando estabelecer uma relação entre este esporte e a ciência geográfica. Isto, por meio do estudo bibliográfico.

O futebol firma-se em uma das grandes paixões nacionais, e tal fato não se construiu ao acaso, diante disto é importante que se trate o espetáculo esportivo como de fato um grande fenômeno social e que suas revelações não sejam negadas ou negligenciadas.

Quanto ao ensino de Geografia, vale destacar que há uma constante necessidade de alinhá-lo ao cotidiano dos indivíduos e, neste sentido, o futebol

consiste-se em uma poderosa ferramenta, principalmente, devido seu valor sociocultural e, possibilidades de perspectivas didático-pedagógicas que acarretem maior interesse, participação e envolvimento dos discentes, por já ser algo enraizado em seus cotidianos.

Isto posto, esta pesquisa elucidou que há relações entre o futebol e a ciência geográfica e suas categorias de análise (Espaço, Paisagem, Território, Região e Lugar), em especial, esta última. Porque é a mais visível, devido ao seu significado de pertencimento, seja a um estádio ou até mesmo a um time.

Assim, com as discussões e reflexões desenvolvidas neste estudo, espera-se que os resultados possam inspirar os docentes a investirem em metodologias que utilizam o futebol como objeto de análise, de interpretação, tendo-o como uma possibilidade de melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Referências

ANDREIS, A. M.; CALLAI, H. C. Alicerces às aulas: Princípios, Conceitos e Categorias Geográficas. *Revista Ensino de Geografia*, Recife, v.2, n.3, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/243921>>. Acesso em: 14 fev. 2025.

ANTUNES, C. *Sala de aula e futebol*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Geografia. Ensino Fundamental. Brasília. MEC/SEF. 1998.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a base. Brasília: Congresso Nacional, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>>. Acesso em: 13 fev. 2025.

CABRAL, L. O. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. *Revista de Ciências Humanas*, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/15626>>. Acesso em: 14 fev. 2025.

CAMPOS, F. R. G. Geografia e Futebol? Espaço de representação do futebol e rede sócio-espacial do futebol. *Terr@ Plural*, v. 2, n. 2, p. 249-265, 2008. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/1178>>. Acesso em: 13 fev. 2025.

CAMPOS, P. A. F.; SILVA, S. R. da; AMARAL, S. C. F. Tradição e modernidade no “novo” Mineirão. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v. 9, n. 23, p. 1-14, 2014. Disponível

em: <<https://cev.org.br/biblioteca/tradicao-modernidade-novo-mineirao/>>. Acesso em: 14 fev. 2025.

CAVALCANTI, L. S. *Geografia, escola e construção do conhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 25, p. 185-207, ago./set. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/WnXnVgTRQHZttxBQR44gt9x/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 13 fev. 2025.

CORRÊA, R. L. *Região e Organização Espacial*. São Paulo: Ática, 2000.

DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. *Futebol: paixão e política*, Campinas, p. 29-44, 2000. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/contradicoes-do-futebol.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2025.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista brasileira de educação física e esporte*, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>>. Acesso em: 13 fev. 2025.

GOMES, P. C. da C. Considerações acerca dos espaços públicos e suas variações no tempo e no espaço. In: *Geografia urbana: desafios teóricos contemporâneos*. (Orgs.) SERPA, A.; CARLOS, A. F. A. Salvador, EDUFBA, 2018.

HAESBAERT, R. *Território e multiterritorialidade: um debate*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2010.

HÖFIG, P; BRAGUETO, C. R. Considerações sobre Geografia e Futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território. *Terr@ Plural*, v. 7, n. 1, p. 79-92, 2013.

HOLGADO, F. L. *Além das quatro linhas: o futebol no ensino de geografia*. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

HOLGADO, F. L.; TONINI, I. M. As paisagens e o futebol. *Revista de Geografia - PPGeo-UFJF*, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://cev.org.br/biblioteca/as-paisagens-e-o-futebol/>>. Acesso em: 13 fev. 2025.

_____. O Futebol nas Aulas de Geografia do Ensino Fundamental. *Pesquisar – Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia*, v. 1, n. 1, p. 186-205, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/view/66569>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

LEAL, B. F. E.; MARÇAL, I. J. B.; BAYMA, M. T. V. *Galoucura e Máfia Azul: a trajetória das principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Editora do autor, 2018.

LOPES, J. G. As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geográfica. *Geografia ensino & pesquisa*, Ceará, v. 16, n. 2. p. 23-30, mai./ago. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7332>>. Acesso em: 13 fev. 2025.

MACIEL, A. B. C.; LIMA, Z. M. C. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. *Sociedade e Território*, v. 23, n. 2, p. 159-177, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/3505>>. Acesso em: 13 fev. 2025.

MENDES, R. A.; SILVA, E. S. da; PEREIRA, A. J. A Importância da categoria lugar no ensino de Geografia: um estudo de caso na Escola Estadual Modelo em Araguaína – TO. *Revista Tocantinense de Geografia*, Tocantins, v. 6, n. 11, p. 153-169, 2017.

PENTEADO, H. D. *Metodologia do ensino de História e Geografia*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

RAMPAZZO, G. F. O fim da festa e da história: Os efeitos da arenização nos estádios e arenas de futebol. *Revista Averso: Pensamento, Memória e Sociedade*, v. 2, n. 1, p. 1-25, 2021. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/averso/art>>. Acesso em: 14 fev. 2025.

RIBEIRO, F. *Arena MRV: projeto do Atlético-MG é analisado por diversas esferas em audiência pública*. 2019. Disponível em: <<https://ge.globo.com/google/amp/futebol/times/atletico-mg/noticia/arena-mrv-projeto-do-atletico-mg-e-analisado-por-diversas-esferas-em-audiencia-publica.ghtml>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

RODRIGUES, A. de J.; SANTOS, A. R. dos. A região na geografia. *Revista GeoNordeste*, Sergipe, n. 3, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufs.br/geonordeste/article/view/1418>>. Acesso em: 14 fev. 2025.

RODRIGUES, A. de J.; SILVA, J. A. B. da; BARROSO, R. de C. A.; VIEIRA, J. D.; FONTANA, R. L. M. Abordagens sobre a categoria região na história do pensamento geográfico. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais*, Sergipe, v. 3, n. 2, p. 27-38, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/2236>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SAQUET, M. A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade. *Geosul*, v. 22, n. 43, p. 55-76, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12646>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SERPA, A. Uma geografia que se pratica no dia a dia. *Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais*, Ceará, v. 11, p. 437-449, mai./ago. 2020. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5528/552861694040/552861694040.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2025.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1974.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524

ISSN: 2238-6424